

***Mocidade de Trajano e Manuscritos de uma mulher: uma análise  
imagológica***

***Mocidade de Trajano and Manuscritos de uma mulher: an  
imagological analysis***

Hellen Cristina Alverga de Araújo Mandú\*  
*hellenalverga@hotmail.com*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Katia Aily Franco de Camargo\*\*  
*kafcamargo@gmail.com*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

---

**RESUMO:** Este artigo tem como propósito uma análise comparativa das imagens do Brasil existentes nos romances *Manuscritos de uma mulher* e *A Mocidade de Trajano*, de Visconde de Taunay. Para tanto, utilizaremos como orientação a teoria imagológica proposta por Daniel-Henri Pageaux, cujos estudos encontram-se em um campo mais amplo, a Literatura Comparada, a qual tem por base a comparação, mas também a relação entre duas ou mais literaturas e/ou culturas. Tal estudo é resultado de uma pesquisa de iniciação científica, a qual se encontra vinculada a um projeto mais abrangente, intitulado *Representações do Brasil Aquém e Além Mar*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Manuscritos de uma mulher. A Mocidade de Trajano. Visconde de Taunay. Imagologia.*

**ABSTRACT:** This article aims to comparatively analyze the images of Brazil present in Visconde de Taunay's novels *Manuscritos de uma mulher* and *A Mocidade de Trajano*. In order to do so, this work is theoretically based on imagology, the theory proposed by Daniel-Henri Pageaux. His studies are part of a wider field, that is, Comparative Literature, which is grounded not only in comparison, but also in the relationship between two or more literary works or cultures. This paper is a result of a scientific initiation project, which is part of a bigger project entitled *Representações do Brasil Aquém e Além Mar*.

**KEYWORDS:** *Manuscritos de uma mulher. A Mocidade de Trajano. Visconde de Taunay. Imagology.*

---

\* Aluna de Graduação em Letras – Francês e de Iniciação Científica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katia Aily Franco de Camargo sua orientadora.

\*\* Doutora em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Universidade de São Paulo (USP)

## **Considerações iniciais**

Propomos, neste artigo, uma leitura comparativa entre os romances *Manuscritos de uma mulher* (1873) e *A Mocidade de Trajano* (1871), de Visconde de Taunay. Para tanto, utilizaremos como orientação a teoria imagológica proposta por Daniel-Henri Pageaux, cujos estudos encontram-se em um campo mais amplo, a Literatura Comparada, a qual tem por base a comparação, mas também a relação entre duas ou mais literaturas e/ou culturas. Deste modo, pretendemos demonstrar que as imagens veiculadas nesses romances têm muito a nos dizer sobre as práticas sociais brasileira do século XIX. Tal estudo é resultado de uma pesquisa de iniciação científica que se encontra inserida em um projeto mais abrangente, intitulado *Representações do Brasil Aquém e Além Mar*.

Atualmente, os estudos realizados com as obras de Taunay privilegiam, em geral, o romance *Inocência* (1872) e a narrativa de viagem *A retirada da Laguna* (1871). Segundo José Veríssimo,

o romance [Inocência] foi muito corrigido e melhorado, a partir da segunda edição, em 1884, devendo datar-se daí a sua crescente popularidade, só comparável, na obra do autor, à que também gozava *A retirada da Laguna*, fato que desgostava Taunay, autor que era de outros livros por ele considerados de igual merecimento (VERÍSSIMO, 1977 *apud* COUTINHO, 1986, p. 282).

Sabe-se que esses dois são merecedores do reconhecimento e da aceitação, especialmente porque obtiveram grande repercussão logo após sua publicação e a consagração internacional; no entanto, não se justifica a restrição da historiografia literária brasileira a esses. Existem inúmeros outros, como, por exemplo, *A Mocidade de Trajano* (1871), *Manuscritos de uma mulher* (1872), *Ouro sobre Azul* (1875), *No Declínio* (1889), *O Encilhamento* (1894); além desses romances, sua obra abrange contos, peças, narrativas de guerra e viagem, descrições, depoimentos, artigos de crítica, escritos políticos que não recebem a devida atenção como se não merecesse uma fortuna crítica relevante. Deste modo, faz-se necessária uma recuperação do reconhecimento público desta parcela da obra, até então esquecida, principalmente no que concerne a compreensão, na sua perspectiva cultural, do século XIX. Segundo Maria Lídia Lichtscheidl Maretti,

[quem] se aventura a ler a infinidade de textos escritos pelo Visconde de Taunay pode adquirir a inevitável suspeita, facilmente confirmável,

de que eles poderiam frequentar bibliografias de áreas diversas e que tenham em comum o propósito de conhecer o Brasil da segunda metade do século XIX (MARETTI, 2006, p. 119).

### **Uma análise imagológica**

Passamos, portanto, ao nosso principal objetivo, o estudo de dois desses romances listados anteriormente. A respeito de *Manuscritos de uma mulher* publicado em 1872, com o título de *Lágrimas do Coração*, trata da corte fluminense, relatando costumes e dissabores da sociedade burguesa do século XIX. Somente em sua segunda edição, em 1899, toma como título o atual. Narra ainda a história da jovem Corina, detentora de beleza que a todos encanta.

Corina foi criada no Rio de Janeiro pela tia idosa que vem a falecer após uma fatal enfermidade – fato este que obrigou seus pais a trocarem a Bahia pelo Rio. Esse acontecimento mudou por completo a vida da jovem, que passou a conhecer a realidade dos pais, até então desconhecida. Seu pai, Ricardo Telles, renomado advogado, possuía uma grande fraqueza, o vício pelo jogo; sua mãe, Milóca, queixava-se que todos os males dos quais ela padecia eram devido à falta de saúde e ao vício do marido, mas que, na realidade, não passavam de achaques. Como se não bastasse, o maior galanteador das redondezas, Sr. Amilar, pelo qual todas as moças caíam de amores, apaixona-se perdidamente pela bela jovem e quer desposá-la; no entanto, o coração da moça já havia sido arrebatado por outro homem. Devido à vida incerta que seu pai levava, sua família passa por sérias complicações financeiras que os levam a ter a necessidade de casar a filha. Corina vive dias amargos, em meio a uma paixão secreta, um pedido de casamento e a situação financeira da família.

A referida obra se configura como um romance urbano, apresentando a vida cotidiana burguesa, principalmente no que diz respeito à vida da mulher em sociedade, à relevância do dinheiro, ao casamento por interesse: esses aspectos são abordados de modo crítico pelo autor.

Concernente à segunda obra em análise, *A Mocidade de Trajano*, romance inaugural de Taunay, publicado sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte em 1871, aborda a temática da escravidão, da consciência política, da imigração, da naturalização dos estrangeiros e das idéias anti-religiosas. O romance é disposto em

duas partes, tendo, a primeira e a grande maioria da segunda parte, sua ação realizada na fazenda da Mata-Grande, localizada entre Jundiá e Campinas, no interior de São Paulo.

O romance narra a história da juventude de Trajano Casimiro Sobral, filho do comendador e fazendeiro Roberto Sobral e de sua esposa Amélia. Trajano tivera uma infância livre, repleta de brincadeiras e aventuras pelas terras da fazenda de seu pai, contudo assolada pela tristeza de anos de enfermidade de sua mãe. Com a morte desta, Trajano inicia seus estudos na própria fazenda, com um professor de primeiras letras, e, em pouco tempo, muda-se para a capital da província, a fim de fazer um preparatório para ingressar na academia de direito. Ao retornar de férias à fazenda da Mata-Grande, conhece uma bela jovem, Amélia, por quem caí apaixonado. Este amor é fervorosamente correspondido, todavia impossível, pois se trata de entes de famílias rivais.

Em meio a esse cenário, deparamo-nos com uma sucessão de frustrações que vão, gradualmente, afetando os planos de vida de nosso herói; são elas: o amor não concretizado, a formação profissional, a convivência com sua madrasta e suas propostas de modernização da fazenda, a incumbência dada pelo pai de administrar a fazenda e, conseqüentemente, de conduzir a escravaria. Esses acontecimentos influenciam-no a tomar a decisão de combater na Guerra do Paraguai, levando-o à morte.

Mais adiante poderemos constatar que esses romances se aproximam e se distanciam em alguns aspectos. De início, temos duas narrativas com ações que se passam em ambientes opostos, uma no meio urbano, ou seja, dentro da corte, outra no meio rural, por sua vez, fora da corte; uma voltada para o luxo, prazeres e preocupações peculiares da vida de uma moça da alta sociedade; outra, a vida de um rapaz, filho de um fazendeiro rico, que fora criado entre escravos, e quando adulto passa a desempenhar as mesmas tarefas que um dia seu pai exerceu. Tudo isso não passa de um pano de fundo para expor os problemas sociais da época. Segundo Antonio Candido, a obra de Taunay, em especial o romance, possui “toques mais construtivos, como o pendor pelos problemas sociais”, demonstrando “certo desprezo em relação à ‘boa sociedade’, para ele não suficientemente polida, e pela idealização compensatória de tipos requintados, geralmente cosmopolitas, iniciados nos costumes europeus” (CANDIDO, 2000, p. 281).

Para tanto, faremos uso dos estudos imagológicos, propostos por Daniel Henri-Pageaux, que se encontram em um campo mais amplo, a Literatura Comparada, que têm por objetivo investigar as diferentes imagens do *outro* coexistentes em uma mesma época, literatura ou cultura.

Segundo Pageaux (2001), a imagem do estrangeiro deve ser estudada como um elemento inserido em um contexto mais amplo e complexo: o imaginário social, e, situado dentro deste, a representação do outro.

A imagem é compreendida com uma tomada de consciência do eu em relação ao outro; tal processo é proveniente de um distanciamento significativo entre duas realidades culturais. Dito de outra forma, “a imagem é a representação de uma realidade cultural estrangeira através da qual o indivíduo ou grupo que a elabora revelam e traduzem o espaço ideológico no qual se situam” (PAGEAUX, 2001, p. 58).

Partido desses pressupostos, fizemos o levantamento das imagens do Brasil nos romances *Manuscritos de uma mulher* e *A Mocidade de Trajano*, das quais passaremos a tratar agora. O primeiro grupo delas trata da desordem dos afazeres domésticos realizados pela mão de obra escrava. Ao representar o ambiente domiciliar, o autor acaba por revelar a importância da atuação feminina na chefia das tarefas domésticas – o homem é incapaz de administrar essas atividades que muitas vezes o levam à decadência econômica – e, por conseguinte, à crise da escravidão doméstica.

[...] declarou minha mãe [Milóca] que se achava pior de seus incômodos e precisava cuidar seriamente de si.

Uma vez assente isso, não teve mais a casa verdadeira direção. Faltava-me a mim prática e, sobretudo coragem para incumbir-me de uma gerência de que não tinha o menor conhecimento e para qual não havia sido educada.

No meio dessa desordem, iam os gastos diariamente em aumento e de um número avultado de criados que tinham para o serviço, só dois ou três que cumpriam um tanto regularmente os seus deveres.

Quantas vezes, ao levantar-me alto dia, encontrei a sala se visitas coberta de pó, os trastes fora de seus lugares como haviam ficado da noite anterior! (TAUNAY, 1900, p. 167-168).

— Depois que tua mãe [Amélia] morreu, disse ele, nada me sai às direitas. Ela era, Trajano, o anjo desta casa. Hoje os escravos abusão muito de minha viuvez: as mulheres, sobretudo, essas negras, me amofinam dia e noite com seu relaxamento e preguiça. [...]

— Só no dia em que começar deveras o chicote a falar, continuou Roberto com violência, é que as coisas entrarão em seus eixos. Até então nada se conseguirá destas pestes. Gritar, ralhar é a minha vida, meu filho! Queres ver a que ponto chega aqui o desleixo? Úrsula! gritou ele de repente, Úrsula!

Uma mulher amulatada, e já de certa idade, apresentou-se assustada.

— Senhor?

— As camisas dos pretos estão já prontas?

— Estão, sim senhor.

— Tu mentes, negra, tu mentes! Olha; traze já as camisas cosidas, já!

Úrsula desapareceu e demorou-se. Mentira com efeito e tinha vexame e terror em mostrar-se.

Novos gritos do senhor a trouxeram ao quarto.

Vinha com umas vinte camisas prontas.

Sobral levantou-se rugindo:

— E as outras? E as outras, canalha infame!

Seus olhos faiscavam.

— Raça indigna, criação inacreditável de Deus!... [...]

— Vês tu, Trajano, disse Sobral ainda com cólera, esta luta é de todas as horas! É um suplício horrível. O tormento a que me sujeitam estes servidores forçados e indignos esgota-me a paciência, aniquila-me a existência. Quando tua mãe era viva, repartíamos o ingrato trabalho: eu tomava conta dos escravos, dirigia-os, castigava-os; ela se ajeitava com as escravas. Hoje tudo isso me toca. Não sei se deveras enlouqueço. Meu gênio está mudando. Sinto que vou me tornando mau, caprichoso e que, continuando assim, irei direitinho para o inferno, se é que na terra já não estou nele (TAUNAY, 1871, p. 54-55; Parte 1).

Além da ausência da figura materna, que era responsável pela amenização e pelo controle dos conflitos, temos ainda, de modo pouco enfático, mas podendo já ser revelada, a contraposição das imagens de mulher civilizada *versus* cultura local. Corina não teve uma educação voltada para gerenciar as tarefas do lar; pelo contrário, foi criada em meio ao luxo e à abundância, com uma vida baseada em idas a cafés, bailes, teatros, estudos da música e literatura, ao passo que Amélia Sobral – e, provavelmente, a mãe de Corina, Milóca – teve uma criação diferente, mais arraigada ao âmbito familiar, à administração da casa. Esta distinção pode ser melhor expressa no fragmento, a seguir, extraído de uma conversa entre frei Cândido e o genro de Silveiras, vizinho dos Sobral.

— Sua sogra, continuou o frade, é uma boa mulher. Simples, devota, crente como são as senhoras brasileiras criadas pelo antigo sistema de educação. Faço esta distinção, meu filho, porque as coisas hoje vão mudando radicalmente. As mulheres nesta terra pensam muito no mundo, pouco na casa; gostam por demais do luxo; cobrem-se de ouro e sedas; adornam o corpo e afiam a alma.

Correm os bailes, os teatros; rezam só com os lábios; vão à missa, à igreja, para darem pasto aos olhos da matéria: tudo é uma perdição, tudo é miséria. Digo isto das cidades, bem entendido. Que espetáculos presenciei neste Brasil! Até os últimos pontos dos sertões, sente-se já a influencia daquelas ideias de imoralidade (TAUNAY, 1871, p.192-193; Parte 2).

Ainda referente ao primeiro grupo de imagens, em especial, a segunda, mais precisamente em seu último parágrafo, temos o desabafo de Roberto Sobral, que nos revela que não havendo o intermédio de um feitor, a lógica paternal está findada ao fracasso, havendo assim a necessidade do castigo, pois só há a escravidão quando existe, por parte do senhor, disposição de tratar alguém como coisa, ao passo que essa realidade, por ele vivenciada em sua própria casa, é consequência de uma vontade de negação aos aspectos de um sistema inumano, no entanto, inalcançável, uma vez que o ser escravizado não consegue viver uma “realidade incorpórea”.

Nosso próximo grupo de imagens refere-se somente ao romance de *A Mocidade de Trajano*. São fragmentos extraídos das correspondências trocadas, durante a viagem de Trajano pela Europa, entre ele e seu pai.

Luto com grandes dificuldades para poder realizar o meu ardente desiderato nas terras que de meu pai recebi e que quero te deixar expurgadas da nojenta lepra.

Forrei já alguns escravos velhos; vendi muitos, quase todas as negras e fiz uma limpa importante por ocasião de um horroroso fato que felizmente não presenciaste, pois já havias partido há cinco meses para a Europa.

Envenenaram o Vitório. O meu mulato de confiança acordou no dia 2 de abril do ano passado com violentas dores de estômago. Em breve estava agonizando. Os médicos, que logo chamei, não puderam contudo achar na autópsia sinais do veneno que, como tive certeza, lhe fora propinado. Na verdade aquele meu preto velho Vicente veio no dia seguinte acusar um outro escravo, o Domingos, de tê-lo ido convidar para darem cabo do Vitório. O fato passara-se na véspera e Vicente não pudera vir denunciá-lo, porque era já noite e estava de cama, o que verifiquei ser verdade. Entreguei Domingos à justiça, mas as provas faltaram; os médicos duvidavam da presença do veneno e Vicente não podia ser testemunha por causa de sua condição.

Não quero demorar tua atenção sobre tão cruéis e criminosos incidentes de nossa vida de fazenda. Vendi quase toda a escravatura; fiquei com Suzana, o velho Vicente e poucos mais; comprei logo outros, por isso que infelizmente as terras não podem ficar sem cultura e os colonos que mandei buscar custam a chegar.

Reduzi porém o mais possível o número de escravos: só quis o estrito necessário, contando com a gente que mandei expressamente tirar dos pontos agrícolas de Portugal.

Se tu estivesses completamente restabelecido e eu quisesse dar-te trabalho, encarregar-te-ia de arranjar homens morigerados da Alemanha e Suíça que viessem com suas famílias encontrar aqui pronto agasalho e livrar-se dos seus compromissos para cedo começarem vida completamente independente.

Só assim conseguiremos alguma coisa. A colonização não pode ser feita de um só jato: ela tem sido até agora promovida, e muito mal, só pelo governo; luta contra a má vontade dos fazendeiros que veem-se repentinamente obrigados a pagar mensalmente o trabalho livre, ao passo que o servil era o rendimento imenso, desproporcional de diminuto capital.

Já que o estrangeiro por motivos de clima, de raça, idioma e educação, não tem inclinação espontânea para formar a corrente de imigração que há de salvar o Brasil, deve haver uma iniciativa poderosa partida daqui, a formação de grandes forças atraentes que rompam a repulsão dos emigrantes.

Esse esforço deve também pertencer ao fazendeiro, e para isso convém que ele penetre-se intimamente da instantânea necessidade da emancipação e trate de quanto antes ir fazendo substituições, pondo o braço branco onde empregava o negro ou o mulato (TAUNAY, 1871, p. 7-9; Parte 2).

Nesse trecho, o autor deixa transparecer numerosos eventos ocorridos na fazenda da Mata-Grande na ausência de Trajano que obrigaram seu pai a tomar as devidas medidas. Inicialmente, temos o episódio do envenenamento de um dos escravos de confiança, responsável por manter a ordem da escravaria, chegando, muitas vezes, a ser “submisso para com o seu senhor” e perverso aos seus, sendo vítima da sede de vingança dos outros negros. Em consequência desse crime ocorre a venda da maioria dos escravos e a tentativa de prisão do escravo responsável pelo envenenamento – fato este pouco praticado, uma vez que os senhores não queriam perder o dinheiro investido. Temos, assim, a crise da escravidão e os perigos que dela decorrem, ao mesmo tempo em que há o surgimento de uma alternativa: o mercado de trabalho livre. Este, por sua vez, tende a ser impulsionado e subsidiado pelo governo; entretanto, há uma grande oposição por parte dos fazendeiros em aderi-lo. A respeito desta questão temos uma melhor abordagem na resposta de Trajano à carta do pai:

As suas ideias sobre colonização são excelentes. Por todos os lugares por onde passo, vejo com inveja ótimos trabalhadores para a fazenda da Mata-Grande. Na minha volta pretendo trazer comigo algumas famílias portuguesa, nas condições precisas.

Os portugueses não constituem a legítima colonização, por isso que todos eles levam para o Brasil a saudade viva fixa, de seu canto natal, mas que força de trabalho, que honestidade de princípios...! Raramente identificam-se com o país que procuram e depressa buscam ajuntar o dinheiro do desterro: mas que capital de esforços,



que sinais de sua passagem não deixam e quantos não ficam enterrados para que um realize a ardente aspiração de todos eles!

O Brasil precisa de quem trabalhe. Seja bem vindo o português que ama o trabalho.

A questão era prendê-los à America. Porque não cuida o Império dessa necessidade urgente? Porque não adotara amplas leis da grande naturalização que um jurisconsulto inglês com toda a eloquência chama — a forma moderna da hospitalidade?!

Que óbices se levantam para empecer o movimento de imigrantes?! Haja franqueza na religião: melhor, os padres católicos terão mais a quem convencer e converter: destruam-se essas barreiras vexatórias que separam o brasileiro do estrangeiro, impedem a leal cooperação de ambos e tanto influem para que a desconfiança vá se desenvolvendo.

A Inglaterra cuida seriamente na grande naturalização. Que maior honra do que ser repentinamente cidadão inglês com direito a todas as aspirações?! Acima disso estará a condição de brasileiro? Fora vaidade, e o que pior é, falta de verdade.

Receiam-se as influências estrangeiras. Elimine-se esta palavra —estrangeiros—. Quando homens se apresentam para trabalhar e veem-se recompensados, honrados e elevados pela sua constância, ficam presos pela gratidão ao país que tão bem os abrigou contra os golpes da sorte.

Daqui as coisas se me afiguram assim, e não pouco tenho pensado nelas. Acredito que o Brasil confia por demais nos seus escravos; que os fazendeiros formam uma aristocracia obcecada por princípios garantidos pela nossa lei social, mas que são moralmente falsos e que o governo vai adiando indefinidamente soluções que mais tarde ou mais cedo hão de ser exigidas pelo clamor universal.

O tráfico da escravatura só foi extinto depois de violências repetidas da Inglaterra contra a nossa dignidade. Queira Deus que na magna questão da emancipação, fique a iniciativa da ideia à prudência e boa vontade do Brasil (TAUNAY, 1871, p. 12-13; Parte 2).

Encontramos, nesse trecho, inúmeras particularidades sobre essa questão, das quais a que mais se sobressai é a crítica acirrada ao sistema, que apesar de “financiar” não dá respaldo para que estes estrangeiros permaneçam no país, não oferecem as condições para que esses construam suas vidas, querendo fazer desses o mesmo que fizeram com os negros.

Outra imagem que podemos abstrair, de ambos os romances, é do casamento por interesse – também encontrado em ambas as obras –, utilizado como meio de ascensão social ou como forma de sustentação do *status*.

[...] meu pai disse-me, sentando no canapé e mostrando-me uma cadeira vizinha:

— Atende um pouco, Corinha. Convém que conversemos acerca dos nossos negócios...

[...] Que pretendes fazer de Amilar?

— Eu, papai?

- Sim.
- Não sei...
- Vejo claramente que não gostas dele.
- E fato...
- Bem!... Aprovo o teu proceder; não casar por casar, mas...
- Mas, o que?
- No fundo sinto bem.
- Porque?
- O pobre moço está tão embelezado por ti...
- A culpa não é minha.
- Depois, era um partido que nos convinha.
- Não entendo.
- Sim... nas nossas atuais condições de fortuna...

[...] A vida filha, é coisa muito positiva e não poderei sentir maior alegria, do que te ver ao abrigo dos golpes da sorte e casada como que tenha sólidos bens de fortuna (TAUNAY, 1990, p. 205-208).

Meu pai em todas suas conversas, à mesa do almoço ou jantar, não fazia senão me falar em casamento, chegando até a queixar-se com algum azedume dos meus caprichos em repelir partidos estimáveis, quando as mais das vezes a mulher não tem a possibilidade de escolha (TAUNAY, 1900, p. 225).

Numa ocasião, e desmascarando suas intenções, saio-se com uma excelente e que dizia respeito à tua pessoa...

— A mim?! exclamou Trajano surpreso.

— Sim, a ti mesmo. Disse-me ele [Silveiras, pai de Amélia], com toda a simplicidade, que eu poderia, com vantagem para ambos, casar-te com a sua filha mais velha.

O moço empalideceu e depois corou.

— Ora vejam, prosseguiu Sobral sem reparar, se a coisa não era muito para rir! Tu, possuidor de todas estas terras, tu, meu único herdeiro, casar-te com uma sujeitinha que tem que repartir com oito irmãos uma meia dúzia de alqueires de terra. A história não era mal arranjada, mas não estive pelos autos. Logo pela cara que fiz, compreendeu ele o meu pasmo: depois varri para sempre aquelas esperanças tresloucadas, dizendo-lhe que eu pretendia casar-te com uma prima, coisa que não farei de certo, mas que serve para por uma barreira a certos cálculos. Não, estava má! Arranja-se aqui um casamento como se fora um negócio. Veja se eu ia ligar a tua vida, a tua vontade por uma promessa, como fazem os mais fazendeiros! (TAUNAY, 1871, p. 58; Parte 1).

Nesta última, temos o pai de Amélia. Desta vez, trata-se da moça pela qual Trajano se apaixona, que ao sentir-se ameaçado pelo vizinho Roberto Sobral, com quem não mantém uma boa relação, na divisão das terras, onde inicia e termina o seu lote, propôs a este unir seus filhos pelas bênçãos do divino; ou seja, trata-se de uma aliança econômica desejável e esperada por Silveiras, já que competia ao pai a escolha do cônjuge.

## **Considerações finais**

Buscou-se, no decorrer deste artigo, apresentar e analisar algumas das imagens do Brasil presentes nos romances *Manuscritos de uma mulher* e *A Mocidade de Trajano*, do Visconde de Taunay. Para tanto, buscamos confrontar essas imagens a fim de revelar em quais aspectos elas se aproximam e se distanciam.

Desse modo, verificou-se que: a representação da mulher, em ambos, é construída sob preceitos românticos; há a construção das representações da sociedade urbana e rural, em um cenário de costumes, onde tudo é verossímil, no entanto, são abordadas, na narrativa, sob perspectivas diferentes – no primeiro, temos a valorização dos costumes europeus “refletidos na corte e nas capitais provincianas”, ao passo que, no segundo, temos esses aspectos de civilização do europeu utilizados para acentuar as diferenças entre a vida rural e a urbana, acentuando, neste último, o zelo pela terra e pelos feitos brasileiros.

Neste sentido, conclui-se que, ao representar o outro, o autor revela importantes aspectos sobre a construção de sua identidade. Nas palavras de Pageaux, “o elemento estrangeiro estudado é de fato um elemento revelador do estado de cultura de um escritor, de uma ou várias gerações literárias, da cultura de um país” (PAGEAUX, 2005, p. 117).

## **Referências**

CANDIDO, Antonio. A Sensibilidade e o Bom Senso do Visconde de Taunay. In: *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p. 275-282.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. p. 281-284.

DINARTE, Sylvio. *A Mocidade de Trajano*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1871.

MARETTI, Maria Lidia L. *Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

PAGEAUX, Daniel-Henri; MACHADO, Álvaro Manuel. Da imagem ao imaginário. In: *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

PAGEAUX, D.-H. Perspectivas Críticas e Teóricas em Literatura Comparada (Literatura de mediação, imagens e recepção, sistema literário). *Revista de Letras*. Vila Real, série II, n. 4, p. 117-124, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.utad.pt/vPT/Area2/investig/CEL/RevistadeLetras/Documents/revista04\\_Versão%20Completa.pdf](http://www.utad.pt/vPT/Area2/investig/CEL/RevistadeLetras/Documents/revista04_Versão%20Completa.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2013.

TAUNAY, Visconde de. *Manuscritos de uma mulher*. 3. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.